

Ouça. Descubra. Desperte.

THIS IS THE PORTUGUESE LANGUAGE VERSION OF THE  
ENGLISH PUBLICATION *RESONANCE*

ORIENTAÇÃO DOS FUNDADORES

# O caminho da ação leva ao despertar e a uma vida plena, ao passo que a inércia leva à morte

Por Shinjo Ito

FUNDADOR DA SHINNYO-EN



O ensinamento a seguir do Mestre Shinjo foi transmitido após a cerimônia *homa* do dia 28 de novembro de 1953, sendo posteriormente publicado no volume 27 do boletim *Naigai Jiho*, escrito em japonês.

**AS PALAVRAS DO SESSHIN<sup>1</sup>** indicam: “O caminho da ação leva ao despertar e a uma vida plena, ao passo que a inércia leva à morte”. De certa forma, essas palavras podem ser entendidas por qualquer pessoa, e ecos delas podem se encontrados em textos escritos há praticamente três milênios, conhecidos como “Dizeres de Tamanho Médio”<sup>2</sup> e atribuídos ao Buda Shakyamuni. Para considerar essas palavras de modo

1 Jap. *sesshin-go* 接心語 Não devem ser confundidas com palavras espirituais transmitidas durante o treinamento meditativo Sesshin. Estas são oferecidas apenas pelos líderes mais experientes da Shinnyo-en durante meditações de Sesshin formal ou assento para elevação espiritual Eza.

2 Um dos *agamas* (coleção de discursos das primeiras escolas budistas preservadas primariamente na tradução chinesa), especificamente o AgamaMadhyama, que corresponde ao Nikaya Majjhima da tradição Teravada. A variação mais conhecida desse ditado também é apresentada na Dhammapada como “A persistência é o caminho da imortalidade, a preguiça é o caminho da morte.”



Mestre Shinjo (foto de 8 de abril de 1955)

apropriado, devemos começar nos perguntando como podemos assimilar sua verdadeira essência. Se interpretada literalmente, a mensagem pode não passar de lugar comum, porém quando lida nas entrelinhas, revela um significado profundo e complexo. Suas nuances mais profundas vêm à tona apenas quando compreendemos essa complexidade e tentamos descobrir o que está por trás da palavra escrita.

Praticamos um caminho de treinamento religioso ou espiritual focado na budeidade. Isso significa que fazemos o mesmo voto que os budas e os bodhisattvas para ajudar todos os seres a encontrar libertação espiritual e que praticamos para esse fim, tendo em mente que ajudar os outros é a melhor maneira de dar expressão à budeidade no nosso dia a dia. Desse modo, compreendemos o verdadeiro sentido dessa frase não quando a lemos aplicando aos nossos próprios interesses, mas somente quando a interpretarmos pensando em ajudar *outros* ao despertar.

Trabalhar pelo benefício e pela felicidade alheia também é uma forma de alcançar a própria felicidade e realização espiritual. Muitos de vocês conhecem Mahatma Gandhi, que além de ter sido o primeiro-ministro da Índia, foi conhecido por sua profunda espiritualidade, sendo defensor da *ahimsa*, ou não violência. A essência desse preceito é “Não fazer o mal”, e creio que tenha muito em comum com os votos sagrados dos budas. Penso que o exemplo de Gandhi indica a descoberta de um caminho adiante em nosso próprio despertar espiritual, ao nos comprometermos a ajudar outras pessoas. Para mim, a felicidade está em nossos esforços para trazer a felicidade ao próximo.

Vamos voltar à frase “O caminho da ação leva ao despertar e a uma vida plena, ao passo que a inércia leva à morte”. Damos um passo à frente na compreensão dessas palavras quando as ações de nossa prática diária, apesar de pequenas, estão em harmonia com o amor benevolente e a compaixão da budeidade. O objetivo da prática

espiritual não é continuar como estamos, com nossas imperfeições e tudo mais, e sim buscar oportunidades de melhorarmos agindo como um Buda faria em vida.

Quando buscamos a libertação espiritual e o despertar sem dedicar tempo e esforços à prática, agimos como fazendeiros que esperam uma farta colheita sem semear. Da mesma forma que trabalhadores recebem salário como recompensa pelo trabalho que realizam para uma empresa, nossa “colheita espiritual”, reflete as ações empreendidas na prática. A ideia de que “O caminho da ação leva ao despertar e a uma vida plena, ao passo que a inércia leva à morte” assume um significado ainda mais profundo quando nossas ações são baseadas na bondade amorosa e compaixão da budeidade. Quando buscamos refúgio na budeidade e continuamos a nos esforçar resolutos, um caminho adiante se abre de modo praticamente espontâneo.

Outra passagem diz: “É melhor viver um dia ciente do caminho verdadeiro do que viver cem anos na ignorância”. Aqueles que seguem os passos dos budas sem titubear sentirão a compaixão e a benignidade ilimitadas. Sentiremos um pouco do que significa estar em unidade com a budeidade, reforçando nossa convicção de seguir o caminho budista, acolhidos por uma grande luz, em profunda alegria, dia a dia.

Portanto, lembrem: “O caminho da ação leva ao despertar e a uma vida plena, ao passo que a inércia leva à morte”. Um tolo pode escolher a última opção, porém o sábio sempre aceitará o desafio da primeira. 📌

## Construindo um Futuro Brilhante com Sabedoria e Compaixão

Apresentamos a seguir um ensinamento preparado especialmente para membros da comunidade internacional da Shinnyo-en, também incluso no material distribuído para o Treinamento Anual de 2015.

**Você** tem um sonho? Eu tenho um grande sonho. Quero ver todos, especialmente os mais jovens, despertarem para o sentido de suas vidas (seu verdadeiro valor e possibilidades), e com coragem liberar seu potencial para se transformar em uma luz que iluminará o mundo. Esse também foi o sonho dos mestres fundadores da Shinnyo-en, Shinjo e Tomoji Ito. Hoje, gostaria de falar sobre realizar esperanças e sonhos. As vidas de Shinjo e Tomoji nos servem de exemplo para jamais desistir, continuar tentando superar os erros e desafios. Eles acreditaram que essas experiências ajudam a destravar nosso mais profundo potencial para tornar sonhos realidade. Queriam que soubéssemos que todos nós nascemos com possibilidades infinitas.



Sua Santidade Shinso Ito

Talvez vocês achem que não têm um talento especial. Em alguns momentos, pode faltar confiança ou se sentirem inseguros. Mas não se torturem com esses sentimentos. Encarem a situação de maneira positiva, como um sinal de que ninguém é perfeito e que é preciso trabalhar sobre suas limitações e ganhar mais experiência de vida. Para realizar nossos sonhos, precisamos fazer esforços tangíveis dentro de um processo realista, e o primeiro passo é aprender sobre nós mesmos. Ao analisar nossos pontos fortes e fracos, podemos descobrir o que precisamos melhorar ao passo em que tomamos cuidado para evitar a armadilha de enfatizar demais as limitações, ficando deprimidos pelo que não podemos fazer. Precisamos seguir para uma direção positiva e prestar mais atenção ao que podemos, sim, fazer. Se nos dedicarmos aos poucos às nossas práticas, com o tempo, certamente notaremos a diferença. Seja em casa, na escola ou em qualquer outra instância na comunidade, há coisas que somente *voce* pode fazer. Descubra o que são e dê continuidade. Tente expandir o leque das coisas para as quais você tem qualidades únicas e perceberá o quanto isso pode mudar a sua vida.

A sabedoria e a compaixão amorosa estão no coração do Budismo Shinnyo. A sabedoria nos permite melhorar; a compaixão, contribuir para o bem-estar dos outros. Esses dois elementos são a essência da budeidade e da natureza de todos os budas. O caminho dos bodhisattvas é destacar essas qualidades, pois levam à perfeição da budeidade. Vocês podem pensar que sabedoria e compaixão implicam em ser algo que não são, mas o que acontece é o contrário: elas lustram nossas características individuais. Sempre temos uma escolha quando o assunto é aprimorar nossas

qualidades boas e ajudar outros. Cultivar a sabedoria e a compaixão amorosa nos dá uma oportunidade de aproveitar as nossas características únicas.

Como aprendemos a incorporar essas qualidades? Podemos começar com o exemplo de alguém que admiramos por suas ações altruístas e humanitárias. É por aí que começamos a praticar benignidade e compaixão na vida diária. Podemos aprender com qualquer pessoa, conhecida ou não. Se vocês se identificarem com os atos e palavras de bondade, de alguém que encontrarem casualmente na rua, podem se espelhar na sabedoria e compaixão dessa pessoa. Descubram suas qualidades únicas e deixe-as brilhar.

A vida nem sempre segue o curso planejado, porém erros e contratempos podem representar oportunidades para dar mais profundidade a quem somos enquanto seres humanos. Quando ouvimos algo que não gostamos, devemos reagir de modo positivo, em vez de raiva. Devemos receber bem o que aconteça, seja bom ou ruim, sem ter medo de cometer erros e se esquivar de desafios. Caso erremos, podemos prejudicar outros, especialmente se agimos de modo irresponsável ou descuidado; porém, se cometemos erros ao tentar fazer algo certo, certamente poderemos compensar quaisquer falhas. Podemos até mesmo transformar nosso erro em um recurso para enriquecer nossas vidas. Ninguém alcança o sucesso sem um escorregão inicial. Nós tropeçamos e caímos. Mas os que seguem adiante certamente encontrarão a redenção e conseguirão viver com sabedoria e compaixão.

Cada um de nós é insubstituível, com qualidades únicas que se destacam. A sabedoria e a compaixão nos ajudam a revelar mais dessas qualidades e a conquistar objetivos maiores. Alguns erros são inevitáveis, porém as dificuldades são um trampolim para o sucesso. Quando o sofrimento parecer insuportável, sempre podemos recorrer às preces e à meditação.


Lembrem-se de que vocês não estão sozinhos. Hoje estamos aqui com nossos corações conectados. Juntos, podemos criar uma sociedade e um mundo de bem. Trata-se de sermos gratos pelas coisas que normalmente não valorizamos. Acreditem em si mesmos e sigam seus sonhos. Apenas lembrem-se de que, em algum lugar deste mundo, pessoas que acreditam nas mesmas coisas estão dando seu melhor para alcançar o mesmo objetivo, e você tem um vínculo com elas. Eu mesma vou tentar ser mais corajosa e me empenharei em realizar meus sonhos, compartilhando minha mensagem com o máximo de pessoas possível.

Certa vez, Mestre Shinjo, nosso fundador, encorajou os jovens com as seguintes palavras:

“Juventude significa dar o melhor do seu potencial infinito.

Juventude significa dar tudo o que puder.

Juventude significa construir o futuro.”

Portanto, também lhes digo o seguinte: aproveitem seu potencial ao máximo, deem tudo de si e moldem o futuro. Quando perseveramos, jovens de idade ou não, podemos permanecer jovens de coração e manter nossos sonhos, nossas esperanças e nossa empolgação da juventude. Isso tornará nossas vidas ainda mais plenas. Quando compartilhamos nossa felicidade, ela se espalha e envolve ainda mais pessoas. Desse modo, a paz mundial fica um passo mais próxima da realidade, até que um dia não será mais apenas um ideal. Essa é a visão da Shinnyo-en, e a minha também. 

# O Nascimento de Shindoin

Nesta parte da série sobre a história da Shinnyo-en, relembramos acontecimentos nas vidas dos mestres Shinjo e Tomoji, incluindo alguns misteriosos, durante a época do nascimento de Shindoin, segundo filho do casal.



Shindoin recém-nascido

**EM ABRIL** de 1937, com as cerejeiras repletas de flores, os mestres Shinjo e Tomoji foram abençoados com o nascimento de seu segundo filho. Dez meses após a morte repentina do irmão mais velho, nasceu Shindoin (nome de nascimento: Yuichi). Era 8 de abril, mesma data da celebração do nascimento do Buda Shakyamuni em todo o Japão. A congregação da Comunidade da Luz (como nossa sanga ainda em desenvolvimento era conhecida na época) estava radiante, e seus membros sempre falavam sobre o quanto Shindoin lembrava seu irmão mais velho. Em 28 de março de 1937, data que coincidia com o aniversário de 31 anos do Mestre Shinjo, uma praticante de Kichijoji, que se localiza poucos quilômetros a leste de Tachikawa, visitou Shinjo e Tomoji para contar-lhes sobre sua convicção de que a criança seria um menino e nasceria 11 dias após aquela data. Mestre Shinjo registrou a visita em seu diário, conforme se segue:

28 de Março de 1937

Eu havia encerrado a cerimônia *homa* das 14:00 quando a esposa do Sr. Endo, proprietário de uma banca de jornais e revistas em Kichijoji, chegou de táxi. Ela veio dizendo: “Perdão por não ter conseguido comparecer à cerimônia *homa* de hoje, mas espero que aceite isto”, e me entregou um conjunto de roupas de cama nas cores vermelha e branca.<sup>1</sup> Perguntei: “Pra que é isso?”

Ela respondeu: “Trouxe este presente porque acredito que você terá um bebê menino e ele nascerá no dia 8 de abril. Assim, espero que não o criem como uma criança comum, mas como filho dos budas. Também espero que, ao colocá-lo para dormir, ponham essa roupa de cama em um berço envernizado de vermelho em vez de diretamente sobre o piso de tatame.” Ela disse isso de modo bastante explícito.

Respondi: “Muito obrigado por este presente esplêndido. Meditaremos sobre o assunto usando a faculdade espiritual e faremos nosso melhor para seguir a intenção dos budas. Porém, gostaria de perguntar, Sra. Endo, o que a faz acreditar assim com tanta certeza?”

Ela respondeu: “Enquanto fazia a oração em casa pela manhã, ao meditar sobre a imagem do Achala aqui, vi uma grande pedra envolvida por uma corda de palha de arroz, assim como as pedras sagradas da Baía de Futami.<sup>2</sup> Enquanto eu me perguntava como interpretar isso, a pedra de repente se dividiu em duas e um bebê adorável apareceu, envolvido em um cobertor branco e macio, sendo em seguida carregado nos braços de uma mulher que lembrava o Bodhisattva Kannon. Intuitivamente senti que era o seu bebê, a nascer dia 8 de abril. Como não tenho conhecimentos avançados de budismo, pensei comigo: ‘Como posso eu saber dessas coisas? Talvez esteja sob influência de algum espírito maligno.’<sup>3</sup> Mas assim que esses pensamentos surgiram, senti algo bater na minha cabeça como se eu estivesse sendo castigada por duvidar do que havia acabado de ver. Tive a mesma visão três vezes”. Ao ouvir o que ela me contava, também fiquei completamente perdido em busca de uma explicação.

A princípio, os mestres Shinjo e Tomoji também acharam difícil de acreditar, porém Shindoin realmente nasceu no dia 8 de abril, data do Festival do Nascimento de Buda. Após a perda de seu primeiro filho, menos de um ano antes, a chegada de Shindoin trouxe muita alegria e encanto, como podemos conferir nos registros do Mestre Shinjo para os dias 7 a 11 de abril.

7 de Abril de 1937

Katsuji Ishii, membro do conselho executivo da Comunidade da Luz, vem dizendo que será muito difícil para Tomoji ter um bebê num lugar onde treinos são realizados, e por isso sugeriu que minha esposa ficasse hospedada em sua casa, onde ele assumiria a responsabilidade de cuidar dela. Ele insistiu tanto que, quando Tomoji começou a sentir as contrações, levei-a para lá. Como essa não era

1 No Japão, a combinação das cores vermelho e branco representa algo auspicioso.

2 Referência às famosas “Pedras Casadas” (Jap. *Meoto-Iwa* 夫婦岩) na costa da pequena cidade de Futami, província de Mie, Japão.

3 Ver a revista *Ecós*, págs. 9 a 15, para mais informações sobre o conceito de influências espirituais negativas dentro da espiritualidade japonesa, incluindo “espíritos de raposas” e vários outros seres elementais inferiores que as pessoas no Japão dos anos 30 costumavam enxergar como interferências em suas vidas.

a primeira gravidez, senti que o bebê estava para nascer. Se tudo corresse bem, nosso filho nasceria naquela noite.

Porém, da mesma forma que a Sra. Endo a princípio duvidou de suas visões, achando que eram fruto de influências negativas, eu também tive dúvidas. Em todo caso, pedimos que Hiro Suzuki (irmã mais nova de Sada Misu) viesse ajudar com as atividades domésticas durante a ausência de Tomoji, preparando as refeições e cuidando de nossa filha. Quando terminei o cântico noturno, como de costume, havia passado das dez horas e nenhum sinal da residência dos Ishii. Depois, lá pelas dez e meia, Katsuji veio me contar que Tomoji continuava a sentir dores de parto e que, apesar da parteira estar no local, não parecia que nosso filho nasceria tão logo. Ele então voltou para casa e não tivemos mais notícia durante aquela noite.

8 de Abril de 1937

Eu havia acabado de terminar a oração da manhã e estava iniciando os preparativos para *homa* quando a Sra. Hatsu Nakano veio correndo, completamente sem fôlego, gritando: “Sensei!<sup>4</sup> Parabéns, é um menino!”. Muito feliz, perguntei a ela a hora do nascimento e ela disse que tinha acabado de nascer, um pouco depois das 11 da manhã, mas tinha gastado 5 minutos para chegar até a nossa casa para me contar. Olhei para baixo. Meu relógio mostrava 11:15, deduzi que o horário aproximado do nascimento seria 11:10. Imediatamente toquei o sino do altar e ofereci preces de agradecimento pelo parto seguro.

11 de Abril de 1937

A Sra. Endo fez outra visita, contando sobre uma nova visão. Desta vez, era a cerimônia de batismo do nosso bebê. Novamente, ela deu instruções explícitas: “Sensei, tenha algo feito [para a cerimônia] semelhante a uma almofada quadrada de seda revestida com algodão e com cada lado medindo pelo menos 5 *sun*.<sup>5</sup> Prenda-a a uma placa de cipreste japonês com o nome do bebê gravado. Depois decore a placa com 12 enfeites artesanais de pano, seis de cada lado, costurados em forma de flores de lanternas chinesas (Jap. *hozuki*).”

Nome de Nascimento: *Yuichi Ito*

Escolhi o nome “Yuichi” por suas conotações espirituais positivas. Minha escolha é baseada em meu estudo de nomes, estudo da teoria dos cinco elementos da filosofia chinesa (Chin. *wu-xing*), e de uma visão que tive [durante uma meditação]. Meu desejo é que “Yu”, que significa “amigo” ou “fazer amigos” e “ichi” (“um”) reforcem a ideia de agrupar todos em harmonia e perfeita unidade. Independentemente de seu significado, também imaginei que fosse um nome fácil para as pessoas lembrarem e para o menino usar e escrever. Foi com essas esperanças que dei este nome a ele.

4 Palavra japonesa para “professor” e forma de tratamento comum para se referir ao Mestre Shinjo pela sanga da época.

5 Unidade de medição tradicional japonesa usada antes da implementação do sistema métrico; cinco *sun* equivalem a aproximadamente 15 centímetros.





Flores de lanternas chinesas (foto cortesia de Joe Yamada)

Entre as muitas aspirações dos mestres Shinjo e Tomoji para o jovem Yuichi, uma delas era que ele um dia se tornasse sucessor de sua linhagem Darma e assumisse a posição de líder da nossa comunidade espiritual. Porém, pouco depois de seu nascimento, a Sra. Endo fez outra visita, dizendo que recebeu outra indicação do mundo espiritual. No seguinte registro do diário do Mestre Shinjo, vemos as sugestões que ela fez com relação à primeira visita de Yuichi ao templo xintoísta (Jap. *miyamairi*), tradição costumeiramente realizada pouco tempo após o nascimento de um bebê no Japão.

21 de Abril de 1937

A Sra. Endo chegou e me disse: “Tive outra visão. Acredito que seu filho tenha treinado no mundo espiritual antes de nascer. Estou segura disso. Sabe o templo dedicado a Bezaiten em Inokashira? Bem, creio que ele tenha sido treinado em um templo exatamente como aquele no mundo espiritual, porém maior e mais esplêndido”.

E continuou: “Fui orientada a fazer um quimono para a primeira visita dele ao templo xintoísta, com estampas inspiradas no templo que vi. O desenho surgiu de repente e nitidamente na minha cabeça: uma ponte de um vermelho bem vivo atravessando um rio com flores das quatro estações espalhadas em sua metade inferior. Não costumo ter uma boa memória, mas me lembro da cena muito bem. Fui correndo até um tintureiro local e pedi para que preparasse um quimono com esse desenho. Deve ficar pronto em tempo de ser usado pelo seu filho no dia da primeira visita ao templo”.

Ela ainda continuou, dizendo que o bebê deveria ser levado para o templo em um palanquim, atrás de uma pessoa segurando uma faixa brocada, com a Sra. Misu de um lado e a Sra. Ishii de outro, seguido pela Sra. Tadokoro. Também deu

instruções sobre como eu e minha esposa deveríamos nos preparar. Porém, por ainda estar em treinamento [implicando restrições financeiras], achei que seria impossível fazer aquilo tudo que ela pedia. E disse: “Acho que não posso fazer nada tão extravagante, mas posso orar e buscar o perdão por não fazer o que foi indicado”. Mais tarde, fiz exatamente o que disse — com o apoio total da Sra. Endo. Fizemos miniaturas de faixas e um palanquim a partir de um tecido acolchoado e levamos tudo para o templo local onde prestamos nossas homenagens.

Assim os mestres Shinjo e Tomoji levaram Shindoin para o Templo de Suwa, adjacente ao de Oyasono, para a sua primeira visita ritualística. Porém, pouco depois, a mestra Tomoji e o bebê recém-nascido adoeceram. Mestre Shinjo relembrou a ocasião muitos anos depois:

Pouco depois da visita ao templo, Tomoji adoeceu e não conseguia sair da cama, já o nosso filho sofria de uma doença digestiva grave e não parava de perder peso. Enquanto meditava com afinco sobre esses acontecimentos na sala do altar, tive uma visão. Nessa visão, as portas da casa do Achala se abriram silenciosamente e um sumo sacerdote de aparência nobre, vestindo um manto vermelho vivo com brocada dourada, saiu em silêncio. Ele se aproximou do leito de Tomoji e desapareceu, entrando no peito do bebê que dormia calmamente ao lado dela. A partir desse momento me convenci de que o que a Sra. Endo havia dito era verdade. Após reconhecer isso, a saúde de Tomoji e do bebê melhorou e eles se recuperaram por completo. Recordo que, ao passo que Shindoin crescia, me dava conta do quanto seu rosto e seus traços lembravam os do sumo sacerdote da minha visão.

## O ENTERRO DE KYODOIN

Em 1937, o Japão invadiu a China e se afundou em um conflito que hoje conhecemos como a Segunda Guerra Sino-Japonesa. O clima político cada vez mais opressivo também levou a proibições bastante rigorosas com relação a atividades religiosas no Japão. Apesar do clima hostil, a congregação dos mestres Shinjo e Tomoji continuou a crescer constantemente. Em 17 de maio de 1937, a Comunidade da Luz fez sua segunda visita ao complexo do monastério de Naritasan Shinshoji, desta vez com um grupo de 142 pessoas. Um ano antes, quando fez sua primeira visita a Naritasan, o grupo era formado por apenas 42 pessoas. Em apenas um ano, o número de membros triplicou.<sup>6</sup>

Entretanto, alguns dos patrocinadores do conselho executivo da Comunidade tentaram lucrar com a sanga em expansão. Um certo membro pressionou o Mestre Shinjo a estabelecer o templo de Shinkakuji, na cidade vizinha de Akishima (naquele momento não havia um monge residente) como filial de Shinchoji, e o levou a enterrar as cinzas de Kyodoin lá.<sup>7</sup> Mestre Shinjo sabia muito bem das dificuldades de restaurar e administrar um templo abandonado, mas relutantemente seguiu o conselho dado. Assim, em 9 de junho de 1937, dia do primeiro ano após falecimento de Kyodoin, suas cinzas foram

<sup>6</sup> Ver a revista *Écos*, vol. 8 para mais detalhes sobre como a Comunidade da Luz veio a se tornar afiliada do templo Naritasan e sobre a primeira visita do grupo ao complexo do monastério.

<sup>7</sup> Parte de um plano secreto do membro do conselho, em conluio com um colega influente da administração de Shinkakuji, para construir um cemitério no terreno do templo e se beneficiar dos lucros gerados. Isso também explica o motivo de ele ter insistido tanto para que Kyodoin fosse enterrado ali.

transferidas de um templo em Senju, a leste de Tóquio, para o templo de Shinkakuji em Akishima. Porém, esse novo templo estava em um estado lamentável e dilapidado. Um trecho do diário do Mestre Shinjo registra com emoção a surpresa e a dor.

Confiei a esse membro tudo o que era relacionado ao templo em Akishima, porém quando o vi, soube imediatamente que havia cometido um erro. Me senti tão mal por colocar Chibun lá e não tenho palavras para descrever o quanto me arrependi. Gritei, no fundo do meu coração: “Chibun, tivemos que te colocar aqui por um tempo, mas prometo que vamos mudar para outro lugar. Peço que tenha um pouquinho de paciência. Você foi cremado no Cemitério de Tama, por isso garantirei que repouse lá. Tenho certeza de que deve estar se sentindo triste e solitário neste momento, mas tenha paciência conosco até que possamos lhe oferecer o devido descanso”. Convencido da unidade entre físico e espiritual, realmente sinto que devemos nos esforçar para nos elevarmos a um estado de espírito maior. Sei, no fundo do meu coração, que ao fazermos isso, Chibun também receberá sua parcela de paz.

Kyuroku Shindo, praticante de longa data, hoje já falecido, certa vez relembrou:

O templo em Akishima, onde Kyodoin foi enterrado, era um local bastante simples. Na verdade, creio que “miserável” seria a palavra mais apropriada para descrevê-lo. Seu terreno era uma área plana simples e cercada de modo aleatório, com nada além de uma única estaca de madeira ao centro como marcador temporário. No meu coração, sabia que Kyodoin havia nos deixado para se tornar a base do mundo espiritual Shinnyo, e ter aquele lugar tão desolado como destino de seus restos mortais fez com que eu me sentisse mal só de ver.

De uma perspectiva do século XXI, é difícil imaginar os inúmeros desafios encarados pelos mestres Shinjo e Tomoji no Japão dos anos 30, em sua jornada para estabelecer o Caminho Shinnyo. Além das restrições governamentais relacionadas a atividades religiosas, Mestre Shinjo também teve que encarar obstáculos nefastos internamente, como os membros do conselho que tentavam manipulá-lo em benefício próprio.

Entretanto, as palavras registradas em seu diário nos dão uma ideia de sua determinação resoluta, movido pela esperança do nascimento de um filho e desejo de providenciar o descanso apropriado para o outro, permitindo que o casal transformasse seu pesar e decepção em uma força altruística e voltassem a focar suas energias em ajudar outros a alcançar a libertação e o despertar espirituais: “Convencido da unidade do físico e do espiritual, tenho a certeza de que devemos trabalhar para alcançarmos um estado espiritual maior”. E foi o que fizeram, treinando exaustivamente para que pudessem oferecer a todos um caminho que levasse à felicidade e paz de espírito. Em pouco tempo, os esforços deram frutos, pois sua humilde residência, usada como abrigo temporário do Achala, ficou repleta de visitantes ávidos por iniciar sua jornada no Caminho Shinnyo. 📌

— *Continua...*

# LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA DA MESTRA TOMOJI

Na edição de primavera da publicação japonesa “Quatro Estações” (Jap. *Shun Ka Shu To*), publicada em maio de 2012, Sua Santidade relembrou a infância da Mestra Tomoji na província de Yamanashi. Suas histórias nos dão uma ideia de como foi a difícil infância de Tomoji, além de pintar um retrato mais vívido de nossa co-fundadora e mestra budista no Caminho Shinnyo.



Foto tirada na residência da família Obi em Yamanashi, onde Motoyo (mãe de Tomoji) nasceu e foi criada. Tomoji é a menina com um laço no cabelo, no meio da fileira de trás.

Tomoji cresceu numa área próxima às Montanhas de Yatsugatake, região central de Honshu, uma das principais ilhas do Japão. Durante seus primeiros anos de vida, morou com os pais, seu meio-irmão Toyoo e sua avó Hojuin. O pai de Tomoji se casou com a mulher que viria a ser sua mãe após perder a primeira esposa, mãe de Toyoo. Sua irmã mais nova, Masaji, nasceu dois anos depois dela. Pouco tempo depois, seu pai morreu repentinamente.

[Quatro anos depois,] sua mãe foi chamada de volta para o lar de sua família de nascença para se casar novamente, deixando Tomoji e Masaji para trás.<sup>1</sup> Portanto,

<sup>1</sup> Devido ao papel central que o casamento ocupava nas vidas das mulheres dessa época (Japão nos anos 1910), era de se esperar que a mãe da Mestra Tomoji sofresse considerável pressão de sua família para se casar novamente.

---

Tomoji cresceu junto do irmão e da irmã ajudando a avó a cuidar da loja da família no vilarejo. Infelizmente, quando ingressou na escola fundamental, não tinha quem a levasse e nenhum dos pais para a cerimônia de ingresso na escola.

Yamanashi é conhecida por seu clima instável. A família de Tomoji vivia no interior, a uma distância considerável da escola. A maioria dos pais das crianças trabalhava nos campos e não tinha condições de ir correndo à escola com um guarda-chuva para proteger os filhos em períodos chuvosos, portanto no primeiro dia de aula, todos tinham que levar um guarda-chuva extra, em caso de chuvas repentinas. Grande parte das crianças podia contar com os pais para levar, mas Tomoji, aos seis anos de idade, teve que ir sozinha. Os rústicos guarda-chuvas da época eram pesados e carregá-los não era fácil. Em pouco tempo, as pequenas mãos de Tomoji ficaram dormentes, o que a fez sentir ainda mais falta dos pais. [Certa vez ouvi dela que] esta era sua lembrança do primeiro dia de aula. Tomoji sempre nos disse que tínhamos muita sorte por ter os pais próximos. Vindas dela, tais palavras soavam ainda mais verdadeiras.

A história da família do pai de Tomoji, os Uchidas, revela a tendência para morte prematura de um dos pais. Tomoji sempre falou sobre a imensa gratidão que tinha de estar viva naquela época. Além disso, as meninas da família costumavam morrer jovens, o que fez com que ela e a irmã recebessem nomes masculinos, Tomoji e Masaji. De fato, as mulheres da família Uchida geralmente recebiam nomes que soavam masculinos, como Torao ou Toraji.<sup>2</sup>

Outra história de sua infância remete ao dia de uma excursão escolar.<sup>3</sup> Ela havia preparado tudo na noite anterior para que estivesse tudo pronto pela manhã. Tomoji fez um rolo de sushi e o cortou em fatias, separando as duas pontas para o café da manhã antes de embalar a parte central para o almoço. Em seguida, colocou todas as roupas que usaria na cabeceira da cama antes de ir dormir. Inclusive as roupas íntimas e sapatos. Seu irmão riu e disse: “Tomoji, como poderia esquecer os sapatos? Por que não deixa eles perto da porta de casa?”<sup>4</sup>. Ao se lembrar desse tempo, Tomoji ria sozinha. Essa história é apenas uma amostra de como era sua rotina de preparação, sem qualquer auxílio dos pais. Agindo assim, ela teria tempo para fazer outras tarefas domésticas de manhã ou ajudar sua irmãzinha.

Tomoji cresceu com uma beleza que refletia sua personalidade animada e amigável. Ela tinha uma bela voz de soprano, podem imaginar quando ouvem sua versão do *Goreiju*, Ela sempre fazia uma apresentação solo nos musicais da escola. Uma colega de sala disse uma vez: “Tomoji era uma ótima aluna e líder da classe. Ela era prática, independente e sempre cuidou da irmãzinha. Também era íntegra, consciente e enérgica, com uma coragem quase masculina”.

Dizem também que ela era bastante popular entre os garotos do vilarejo. A única

---

2 Os dois nomes teriam tradução livre de “menino tigre”.

3 Segundo a publicação *Cachos de Glicínias* esta excursão escolar aconteceu quando Tomoji estava na quinta série do ensino fundamental.

4 No Japão é comum que as pessoas deixem os calçados na porta da casa.

---

---

loja do vilarejo pertencia à sua família, e Tomoji ajudava a vender bebidas, cigarros, doces, temperos e o que mais pudermos imaginar. Todos do vilarejo (crianças, jovens, homens e mulheres) faziam suas compras na loja da família. Ouvi dizer que um cliente pegou na mão dela no momento em que ela lhe entregava um pacote de cigarros. Outros incidentes de flerte aconteciam de vez em quando na hora em que ela entregava o troco ou produtos, porém Tomoji sempre dava um beliscão divertido na mão da pessoa. O cara poderia dizer: “Por favor, Tomoji! Não seja tão fria. Quer ficar solteira pro resto da vida?”. Mas ela não se importava. Shojushin-in nunca sucumbia a esse tipo de provocação.

Um dia, Masaji, irmã mais nova de Tomoji, foi acometida por uma febre letal e, em seu leito de morte, chamou incessantemente pela mãe. Foi com pesar que Tomoji se lembrou de que não podia explicar para Masaji o motivo da ausência da mãe enquanto ela agonizava. A mãe havia se casado novamente e suponho que tenha sido difícil para ela vir ao encontro das filhas, mas quando finalmente chegou, Masaji já estava morta. Durante muito tempo Tomoji guardou rancor da mãe. Depois, ela me disse que pensou: “Foi tarde demais, e não tem desculpa pra isso! A coitadinha da Masaji sentia tanto a sua falta! Por que nos deixou, mamãe?”.

Apesar de todas as dificuldades, Tomoji manteve o ânimo e não mostrou sua dor, e isso a tornou popular em todo lugar que ia. Ela sabia o quanto seu meio-irmão a apoiava e tentou demonstrar gratidão de várias formas.

Às vezes, agia como a dona de casa. Outras vezes, era a neta que ajudava a avó a cuidar da loja. Para sua irmã, era a figura materna. Tomoji exerceu muitos papéis, porém quanto mais pesado o fardo, mais compreendia a dor das outras pessoas. Acho que as experiências pelas quais ela passou formaram a base para que se tornasse a líder espiritual que conhecemos.

Após se formar na escola e perder a avó, seu irmão se casou e sua esposa se mudou para a casa da família para viver com eles. Imaginando que não havia necessidade para duas donas de casa no mesmo lar, ela decidiu se mudar para a capital regional de Kofu, para aprender a confeccionar trajes típicos japoneses.

Tomoji passou por muitas coisas em sua infância e juventude. Provavelmente foi mais feliz (no sentido comum) logo que se casou com Mestre Shinjo. Mas como sabemos, essa felicidade não durou por muito tempo. Creio que, por ter passado por tanto sofrimento e tantas dificuldades, ela deu o máximo de carinho materno para



---

nós e tentava construir um lar feliz - isso me deixa muito grata.

Por tudo que passou, acho que ela foi capaz de se colocar no lugar de qualquer pessoa que sofre, especialmente as que não contam com os pais. Demonstrou sua empatia e ajudou cada pessoa a encontrar a paz e o contentamento. ❏

---

TESTEMUNHO

IV

## O Poder Transformador do Caminho Shinnyo

A seguir apresentamos a história do praticante francês Nicolas Simonet, que compartilha conosco meios concretos pelos quais o Caminho Shinnyo foi uma fonte de mudanças positivas em sua vida.



**OLÁ** meu nome é Nicolas Simonet. Comecei a praticar o Budismo Shinnyo em junho de 2000, quando ainda morava no Japão. Apesar de frequentar o templo regularmente, sentia que faltava algo na minha prática, e imagino que com o passar dos anos, ela se tornou uma espécie de passatempo exótico. O templo era um lugar agradável de visitar, lá me sentia à vontade e conhecia pessoas legais, porém eu interpretava os ensinamentos ouvidos apenas intelectualmente. Tentava lembrar deles para usá-los mais tarde nas conversas, mas não tentava aplicar, nem torná-los parte de mim com ações simples e concretas no dia a dia.

No treinamento meditativo Sesshin, recebi a mensagem de que precisava me conectar aos outros mais através do meu coração, mas eu tinha dificuldade em descobrir como fazer aquilo. Em retrospecto, é claro que a fonte espiritual daquela orientação tentava com esmero me mostrar as coisas de uma maneira com a qual eu me identificasse. Por exemplo, quando trabalhava como engenheiro em um projeto relacionado à eletrônica, recebi palavras que descreveram uma imagem de um poderoso circuito eletrônico que não funcionava direito porque a fiação entre os componentes e o microprocessador central estava tão desgastada e corroída que a corrente elétrica não podia fluir corretamente.

No meu caso, minha abordagem intelectual com relação à prática fez com que eu desenvolvesse certa arrogância. Eu achava que, por ser praticante do Budismo Shinnyo, estava acima dos outros e que sabia de coisas que eles não sabiam. Subconscientemente, achei que estava certo ao impor meu ponto de vista durante as discussões, especialmente com as pessoas mais próximas de mim. Essa tendência se manifestou especialmente com a minha esposa, que não é praticante. Eu costumava insistir em muitos pontos e ela tinha que aceitar, mesmo não estando convencida. Como resultado, ela se sentia frequentemente menosprezada ou triste.

Três anos atrás, após nosso retorno à França, passamos por uma grave crise em nosso relacionamento, que surgiu muito de repente. Percebi que o que estava acontecendo se devia muito ao acúmulo de pequenos erros cometidos com o passar dos anos, erros que se repetiam porque eu estava totalmente alheio aos sentimentos da minha esposa. Ao me dar conta disso, decidi reconhecer minha responsabilidade e fiz todos os esforços possíveis para trabalhar sobre o que minha esposa indicava, mesmo que fosse tarde demais para salvar o nosso relacionamento. A minha esposa ficou surpresa por essa reação. Foi o oposto do que ela esperava. Ela já me considerava um caso perdido e acreditava que tínhamos chegado ao fim da linha.

Apesar da gravidade da situação, uma energia impressionante me ajudou a superar tudo. Num período de poucas semanas, passei por uma transformação, ao colocar em prática ações simples que eliminavam velhos hábitos e melhoravam minha relação com minha esposa no dia a dia. Passei a ficar confiante, e isso me ajudou a cumprir as obrigações de pai e marido, além de ter uma ideia melhor do que esperavam de mim. Foi como se uma parte de mim tivesse despertado ou voltado pra casa depois de uma longa jornada até um lugar distante. Aquele era o momento em que eu deveria fazer esforços e continuar em longo prazo. Desde então, fico contente em dizer, nosso relacionamento continuou a melhorar. Tenho certeza de que, sem o apoio dos ensinamentos Shinnyo e todos aqueles que me deram apoio, minha vida teria tomado um rumo bem diferente.

Gostaria de falar de modo um pouco mais concreto sobre minha prática, sobre o que eu realmente fiz na vida diária. Demorou para eu aceitar que ações diárias simples fazem parte da prática budista, mas agora não tenho dúvidas de que o trabalho de verdade está aí, por onde muitas lições essenciais se dão. Quando desejamos nos tornar melhores em alguns aspectos e temos um hábito como segunda natureza, precisamos trabalhar sobre isso todos os dias. É como os músicos ou atletas. Do mesmo modo, creio que podemos nos preparar através de simples ações do dia a dia para reagirmos da melhor maneira possível quando nos depararmos com dificuldades ou desafios. A compreensão intelectual não é suficiente para nos preparar para reagir de maneira positiva ao nos depararmos com problemas,



especialmente os que surgem de modo inesperado.

Do mesmo modo que atletas têm um técnico que conhece o melhor tipo de treinamento e de acompanhamento a realizar, temos a orientação do Sesshin, que nos ajuda a saber onde estamos e no que é importante focar em um determinado momento para seguirmos em frente. No meu caso, descobri que eu realmente precisava trabalhar na minha capacidade de oferecer e receber calor humano. Hoje, sorrio com mais naturalidade quando encontro as pessoas, olho em seus olhos quando conversamos e não as interrompo enquanto falam. Foi um verdadeiro treinamento para mim.

É fácil ser engolido por uma série de acontecimentos do nosso dia a dia e esquecer as resoluções positivas que fizemos. Parece fácil deixar o dia acabar sem dedicar um tempo à reflexão. Isso é especialmente verdadeiro no meu caso, pois tenho déficit de atenção e me distraio facilmente. Porém, hoje tento usar os pequenos acontecimentos diários para relembrar os pontos aos quais tenho que prestar mais atenção. Por exemplo, sempre acabo mordendo minha própria língua. É dolorido e desagradável, mas aprendi a considerar isso um sinal de que preciso ter mais cuidado para não machucar os outros com o que digo. Logo, quando isso acontece, tento prestar mais atenção no que sai da minha boca durante o resto do dia.

Para encerrar, gostaria de citar minha esposa, que me ajudou a escrever este testemunho. Ela disse: “Você pode falar sobre como a Shinnyo-en te ajudou a mudar e superar dificuldades, mas não se esqueça de mencionar que ainda tem um longo caminho pela frente!”. Essas foram as palavras dela, na íntegra. 📌



# Vivendo como um Bodhisattva

Uma palestra do reverendo Minoru Shitara



Buscando beneficiar a comunidade internacional, apresentamos aqui o texto completo de uma palestra preparada pelo Reverendo Minoru Shitara para o Treinamento Anual de 2015. O original foi resumido por restrições de tempo.

**O BUDISMO É** é um caminho espiritual que nos ajuda a afinar as mentes e ações para alcançar a felicidade. O estado de espírito ideal é o da calma e da paz expressos através da noção de “nirvana”. O texto budista chamado de Sutra do Nirvana vai além desse conceito para descrever o estado de *mahanirvana*, ou “grande nirvana”, no qual as pessoas também sentem uma alegria profunda por estarem vivas e uma apreciação por cada aspecto de suas vidas. Notamos que alcançar o grande nirvana tem sido um tema recorrente para a busca espiritual dos budistas desde a origem do budismo, com os ensinamentos de Gautama ou do Buda Shakyamuni, há 2.600 anos.

Na época do Buda Shakyamuni, a sanga era formada por todos aqueles que haviam renunciado sua vida mundana e ingressaram na comunidade monástica para treinar sob a orientação do Buda. Acredita-se que muitos alcançaram a iluminação, ou pelo menos avançaram bastante em seu caminho. Observando como Shakyamuni se comportava no dia a dia, seus discípulos seguiram seu exemplo em caráter e prática. Entretanto, após sua morte, não foi mais relatado sobre alcançar o nirvana ou

despertar. Sem a presença e a orientação direta desse grande mestre, parecia remoto ou até mesmo impossível.

Com o passar dos séculos, um grupo de praticantes começou a focar sua prática em ajudar os outros a encontrar a libertação espiritual compartilhando o Dharma, ou as verdades que o Buda descobriu.<sup>1</sup> As pessoas compreenderam que podiam chegar ao despertar através desse processo, e foi assim que o movimento Mahayana começou. Praticantes do Budismo Mahayana puderam vivenciar o profundo mundo da meditação, que posteriormente se transformou na forma de prática que hoje chamamos de Budismo Esotérico. Vários grupos surgiram e observaram uma série de práticas espirituais dentro da mesma sanga tradicional. As pessoas tiveram a liberdade de escolher o que lhes fosse mais apropriado. Com o passar do tempo, esses grupos se dividiram em diferentes sangas, formando as vertentes que hoje chamamos de Teravada, Mahayana e Esotérica, além de outras que se extinguíram. Aspectos do budismo Mahayana e Esotérico foram frequentemente considerados inseparáveis, e mesmo nos dias de hoje algumas tradições transmitidas em ambas as vertentes englobam características comuns.

Como mencionei antes, os budistas Mahayana acreditavam na ideia de que ajudar os outros a encontrar a libertação espiritual era uma maneira de buscar o próprio despertar. Como o Buda Shakyamuni, fundador do budismo, eles se empenharam em ajudar os outros a alcançar o despertar pelo meio de compartilhar o Dharma. Durante todo o curso da história do budismo, aqueles que incorporaram esse espírito se tornaram conhecidos como *bodhisattvas*. Hoje, gostaria de falar mais sobre esse conceito e sua importância em nossa prática espiritual na Shinnyo-en.

O termo “*bodhisattva*” está presente em textos budistas e sutras desde tempos ancestrais. Originalmente, ele se referia ao Buda Shakyamuni durante o treinamento que antecedeu seu grande despertar e ao período que se seguiu logo depois, porém, com o tempo, à medida que o budismo se desenvolveu e disseminou, passou a representar qualquer um que se empenhasse altruisticamente a ajudar os outros a despertar para a felicidade, independentemente de quanto essa pessoa havia trilhado o caminho do despertar.

Shinjo e Tomoji Ito, os mestres fundadores do Budismo Shinnyo, prestaram atenção especial ao Sutra Nirvana e seu princípio da natureza búdica inerente a todos os seres vivos. Esse princípio alega que todos nascem com potencial para alcançar o nirvana. Também podemos usar os termos “despertar” ou “iluminação”. O segredo é o foco em cultivar a natureza búdica pela prática que considera o outro. Ao empreender ações de *bodhisattvas*, acumulamos mérito ou “carma positivo”, e vivenciamos, mesmo que brevemente, o que se pode chamar um estado de nirvana jubiloso. Também podemos chamar isso de “momento de Buda”. Ao vivenciar esses momentos em nosso dia a dia, internalizamos esse estado de alegria, esse nirvana, tornando-o duradouro e imutável.

O termo “*bodhisattva*” pode se aplicar tanto a budistas leigos ou monásticos. Hoje, acho que se aplica aos praticantes leigos mais do que nunca, pois muitos de nós vivemos em um estado quase hiperativo de interação uns com os outros no mundo moderno. Claro que praticantes monásticos não podem romper seus laços com o

---

<sup>1</sup> Nesse tempo, o treinamento espiritual era restrito a quem fizesse votos monásticos, porém o foco desses esforços em ajudar o próximo a alcançar o despertar também incluía a comunidade laica.

mundo exterior de modo definitivo. Eles dependem de laicos para obter apoio, em forma de doações e contribuições, e dos seus mestres, para obter orientação em seu caminho espiritual. Portanto, os monges recebem apoio pela interação com outros, ao passo que seguem seu treinamento espiritual. Tanto para laicos como para monges, o processo de tomar conhecimento do próximo e interagir com ele corresponde a aspectos importantes do crescimento espiritual.

Praticando o budismo ou não, temos uma relação de proximidade com o outro. Vou lhes dar alguns exemplos do que quero dizer. Muitos já comeram algo hoje, e aqueles que não comeram, certamente o farão mais tarde. Agora, que tal nos perguntarmos: Quem preparou a comida? Quem produziu os ingredientes usados? Fomos abençoados com o alimento porque outras pessoas dedicaram suas vidas ao cultivo de legumes, de grãos e a atividades de pecuária, depois ao processamento até que chegasse às nossas mesas. É impossível nos isolarmos completamente, não importa as atividades que realizamos na vida diária. Recebemos ajuda e ajudamos em troca.

Dependemos uns dos outros não apenas fisicamente, mas mentalmente. Pense nas pessoas ao seu redor. Alguns são pessimistas e vêm lhe falar sobre suas tristezas, e isso pode deixá-lo triste também. Já outros são alegres e farão com que sorria. As mensagens transmitidas através de palavras e ações positivas dos outros nos encorajam, e assim acabamos encontrando alegria nas pequenas coisas que acontecem ao nosso redor. Isso acontece porque nada pode existir isoladamente. Tudo no universo é interdependente, e as pessoas não são exceção. Os budistas chamam esse princípio de interdependência, Lei da Origem Dependente, apesar de também ser conhecido como Lei do Surgimento Co-dependente e por uma série de outros nomes. Buda despertou para essa verdade. Ela compõe um de seus ensinamentos mais importantes e sustenta a tradicional visão budista de nossas vidas e do mundo.

Esse princípio também se tornou a base do conceito de nirvana dos mestres Shinjo e Tomoji. Eles ensinaram que o nirvana surge da alegria e realização obtidas quando se trilha o caminho da vida como um bodhisattva, lado a lado com o próximo. Quando sentimos gratidão por tudo que recebemos e transformamos na alegria que compartilhamos, todos ganham uma sensação de paz e contentamento. Essa é a essência e o verdadeiro propósito do nosso treinamento espiritual na Shinnyo-en. ❏



# Transmissão do Budismo: o Budismo Esotérico e o Sutra Vajrasekhara

Esta série de artigos mostra como os ensinamentos budistas foram transmitidos com o passar do tempo para que possamos compreender melhor a Shinnyo-en no contexto da história. Desta vez, nossa jornada começa no estado ao sudeste da Índia, de Andhra Pradesh, conforme continuamos a descobrir as origens da tradição do budismo esotérico.





A paisagem pastoral em Amaravati hoje traz um passado de próspero centro de atividade budista.

## AMARAVATI E O MISTÉRIO DA ESTUPA DE FERRO

**NESTA EDIÇÃO** optamos por buscar as origens do Sutra Vajrasekhara e da mandala do Reino do Diamante. Ao mesmo tempo, apresentar os arredores da cidade indiana de Amaravati, localizada no estado da costa sudeste de Andhra Pradesh.

A corrente darma do Budismo Esotérico Shingon tradicionalmente se descrevia como uma linhagem passada por um grupo de “patriarcas”, comumente identificados como Vairochana, Vajrasattva, Nagarjuna, Nagabodhi, Vajrabodhi, Amoghavajra, Huiguo e Kukai.

Segundo algumas tradições, Nagarjuna estudou o Sutra Vajrasekhara com o bodhisattva Vajrasattva após encontrá-lo em uma torre de ferro no sul da Índia. Apesar da estupa de Amaravati não ser feita de ferro, o tom branco azulado das suas rochas sugere uma composição metálica, e alguns dizem que a grande estupa encontrada em Amaravati pode ser a lendária “estupa de ferro” à qual essas tradições se referem. O Rio Krishna passa através da parte oriental de Amaravati, e em sua margem repousam as ruínas da grande base de uma estupa, com mais de 50 metros de diâmetro. A estupa foi construída durante o reinado do Rei Ashoka (304 a 232 a.C.) para abrigar relíquias do Buda e foi ampliada durante muitos anos, porém infelizmente foi esquecida após o desaparecimento do budismo na Índia. Com o tempo, a vegetação tomou conta até que não se podia identificar mais a estupa.

Quando ela foi redescoberta no século XVIII, as escavações revelaram parte de uma estupa feita com pedra branco azulada, decorada com relevos intrincados que retratavam a história de vida do Buda Shakyamuni. Partes dela foram removidas e levadas para expedições patrocinadas pelos britânicos e, conseqüentemente, muitos

Uma restauração no museu nos arredores reconstituiu a aparência em seu auge: uma imponente estrutura azul da cor do céu emoldurada com estuque branco pérola.



Grandiosa imagem do Buda construída para celebrar a visita do Dalai Lama em 2006.



A grande estupa em Amaravati



Relíquias budistas foram descobertas na periferia da estupa, e não em seu centro.



Esta é parte de uma balaustrada que já foi grande, uma das poucas partes esculpidas que restaram nos arredores da estupa.

dos relevos, assim como os artefatos da estupa, foram para o Museu Britânico. Quanto ao que restou, uma pequena quantidade foi preservada no Museu do Governo de Chennai, ao sul da Índia, porém muitos itens foram levados por moradores ou exploradores. Desse modo, tornou-se difícil ter uma ideia exata de como a estupa era e o que continha.

Em todo caso, a cor da pedra pode ter levado à associação com a torre de ferro onde se acredita que Nagarjuna recebeu o Sutra Vajrasekhara. A história foi então aprimorada com a descoberta um recipiente de cristal dentro da estupa, que guardava o que muitos consideram relíquias do Buda. Porém, conforme mencionado acima, os relevos encontrados dentro e fora da estupa apenas retratam cenas dos primórdios do budismo, e não algo que sugira a influência do budismo esotérico. Consequentemente, muitos duvidam que essa estupa seja mesmo a lendária torre de ferro. Alguns sugerem que sua construção reflita a mandala do Mundo do Diamante, apresentando um padrão de cinco budas (um no meio e quatro distribuídos ao seu redor, em cada direção). A possibilidade de esta estupa ter ou não relação com o budismo esotérico ainda é debatida.



Fortes laços com o Sri Lanka são evidentes em Nagarjunakonda: acima vemos uma pequena estupa e um salão de reuniões (*chaitya*) em frente ao Monastério de Sinhala.



Réplica de imagem ereta do Buda em frente a uma pequena estupa. A imagem original pode ser vista no museu local.



## **NAGARJUNAKONDA (COLINA DE NAGARJUNA)**

Nagarjunakonda fica a 50km de Amaravati, no Rio Krishna. Como o rio faz parte do projeto da Represa de Nagarjunasagar, a cidade agora está em uma pequena ilha em um lago formado pela represa. Ela sobreviveu a uma inundação graças à sua antiga elevação em uma colina. Como o nome sugere, esta é a área que acreditam ter sido o lar de Nagarjuna. A palavra 'konda' significa colina ou montanha, portanto pode-se dizer que Nagarjunakonda significa 'Montanha de Nagarjuna'. Antes da construção da represa, um museu foi criado para abrigar muitos artefatos locais que datam dos primórdios do budismo até o período do desenvolvimento do Budismo Mahayana e também períodos posteriores.

No início da era budista, as estupas eram construídas como repositórios para relíquias búdicas próximas de onde os monges viviam e treinavam. Com o passar do tempo e o desenvolvimento do Budismo Mahayana, as imagens búdicas foram substituindo as estupas como objetos para reflexão e meditação. Nagarjunakonda tinha uma estupa com áreas de convivência e imagens búdicas, o que indica a longa história e os avanços do Budismo com o passar do tempo.



A grande estupa em Nagarjunakonda, uma das ruínas mais antigas da ilha, é famosa por ter sido construída pelo Príncipe Mahinda, filho do Rei Ashoka, e abriga uma relíquia (um dente) do Buda.

O museu local abriga muitos artefatos descobertos em escavações arqueológicas nos arredores, além de mapas dos mosteiros às margens do Rio Krishna, anteriores à construção da represa.



Originalmente, acreditava-se que a estupa de Nagarjunakonda havia sido construída por ordem de Mahinda, filho do Rei Ashoka, quando por ali passou a caminho do Sri Lanka. Dentro da estupa havia recipientes de ouro, prata e bronze, sendo que o dourado aparentemente guardava o dente do Buda. Os recipientes são mantidos no museu da ilha, porém não estão à vista do público. Além disso, a pedra branca azulada usada para a construção da estupa lembra a da estupa de Amaravati. Os desenhos da estupa de Nagarjunakonda também refletem momentos da vida do Buda. Nada sugere a presença do Budismo Esotérico além da organização dos cinco pilares (um ao centro e um em cada uma das quatro direções) e do posicionamento das imagens búdicas, o que pode sugerir a forma básica da mandala do Mundo do Diamante e a atividade dos tathagatas pelo universo.

A parte “Nagarjuna” do nome impõe um enigma, porque pode se referir a duas ou mais pessoas. Talvez o Nagarjuna mais famoso seja o patriarca do Shingon, que viveu entre 150 e 250 d.C. Os acontecimentos de sua vida são bastante misteriosos, mas acredita-se que este Nagarjuna tenha sido o filósofo budista mais importante depois do Buda Shakyamuni. Como uma espécie de “santo estudioso”, ele também é considerado o fundador da escola Madhyamaka de pensamento, que enfatiza o



O lago artificial é tão grande que sua margem oposta não pode ser vista.



A gigantesca Represa de Nagarjuna, a maior da Índia, mudou a paisagem de modo irreversível.

conceito de *shunyata*<sup>1</sup> e se tornou bem influente no Budismo Mahayana. Seu trabalho mais conhecido é o *Mulamadhyamakakarika* ou “Versos Fundamentais do Caminho do Meio”, único com autenticidade reconhecida por estudiosos.

Alguns sutras esotéricos parecem sugerir que esse Nagarjuna pode não ter sido o patriarca do Shingon. O equivalente em sino-japonês para Nagarjuna é *Ryuju*, porém alguns textos chamam de *Ryumyo* o indivíduo na torre de ferro que recebeu os textos esotéricos do Tathagata Mahavairochana. Portanto, a questão é se havia duas pessoas chamadas Nagarjuna, sugerindo a existência de duas versões diferentes da tradição esotérica de Shingon ou se *Ryuju* e *Ryumyo* são dois nomes para a mesma pessoa. Kukai, o fundador do Budismo Shingon no Japão, defendeu essa última ideia, mas estudos sugerem que é possível que muitas pessoas fossem chamadas Nagarjuna ou muitas tradições usassem o nome. Tanto tempo se passou que é impossível ter certeza absoluta.

<sup>1</sup> Este princípio fundamental do Budismo Mahayana refere-se ao vazio intrínseco ou à não substancialidade de todos os fenômenos. É o conceito de que o fenômeno não apresenta existência fixa ou independente, porém surge apenas pela virtude de sua relação com outros fenômenos. Ver o comentário de Sua Santidade sobre o Sutra Nirvana na revista *Ecos*, volume 13, para saber mais.



Pôr do sol ao fundo nas ruínas em Anup.

Visitantes caminham em direção às ruínas do teatro.



## AS RUÍNAS EM NAGARJUNASAGAR E ANUP

Acredita-se que, próximo ao fim de sua vida, o Bodhisattva Nagarjuna deu ensinamentos na colina convertida em ilha, hoje conhecida como Nagarjunakonda. Naquela época, o sul da Índia era um pólo de artes e cultura, também onde o Budismo floresceu. Isso foi confirmado em um mapeamento realizado no vale do Rio Krishna nas décadas de 50 e 60, antes da construção da represa, quando foram encontradas ruínas de muitos templos budistas. Muitas antiguidades culturais ficaram submersas após a construção da represa, mas alguns artefatos foram salvos na ilha de Nagarjunakonda e outros foram recuperados antes do vale ser inundado e transferidos para Anup, ao sudeste de Nagarjunakonda.



As fundações e alguns pilares foram tudo o que restou de uma universidade monástica antiga, os prédios que abrigavam monges rodeavam um auditório central. A pedra branca é exclusividade da região.



A viagem de barco de Nagarjunakonda para Anup dura uma hora. As ruínas que foram transferidas para Anup foram colocadas lado a lado na planície nivelada que se localiza acima do nível da água. Ligeiramente acima do nível do lago estão as ruínas de um grande teatro e de uma universidade monástica que nos dão uma ideia da grandiosidade do vale do Rio Krishna no passado. Também há um santuário dedicado a Hariti, figura feminina demoníaca de origem persa ou bactriana. Quando incorporada ao budismo, ela foi transformada em uma bodhisattva protetora de crianças, em vez das encarnações anteriores, em que devorava as crianças. Esse exemplo destaca a capacidade do budismo de harmonizar com tradições locais e para transformá-las de formas que falem de cura e aprimoramento em vez de medo e destruição.



A grande estupa em Ghantasala, majestosa, em meio ao exuberante verde da paisagem interiorana.



Diante da estupa há um museu arqueológico construído para exibir artefatos escavados nos últimos anos.



O tráfego lentamente se desloca em uma via principal próxima.

## AS ESTUPAS DE GHANTASALA E BHATTIPROLU

Ghantasala é uma cidade em Andhra Pradesh, Índia, conhecida por sua estupa e suas esculturas budistas. O budismo surgiu neste lugar entre os séculos III e II a.C. e, como uma confirmação disso, a estupa que foi escavada entre 1870 e 1871 tinha 34 metros de circunferência e altura de 7 metros. Ghantasala fica ligeiramente na contramão. A maior cidade da área de Vijaywada fica a aproximadamente 60 km de distância, e seus visitantes são poucos. Outra grande estupa em Andhra Pradesh, construída no século III ou II a.C., fica na cidade de Bhattiprolu. Ambas datam dos primórdios do período budista e não apresentam conexão com a era do budismo esotérico, mas refletem o quanto o budismo esteve enraizado no sul da Índia.

Como o hinduísmo começou a se firmar no séc. V d.C, uma abordagem esotérica

O topo da estupa foi coberto pela terra e agora é adornado apenas por uma grama irregular.



Um portão trancado protege a entrada do terreno bem cuidado da estupa.



A grande estupa em Bhattiprolu já foi um próspero centro budista e foi construída por volta do século III a.C.

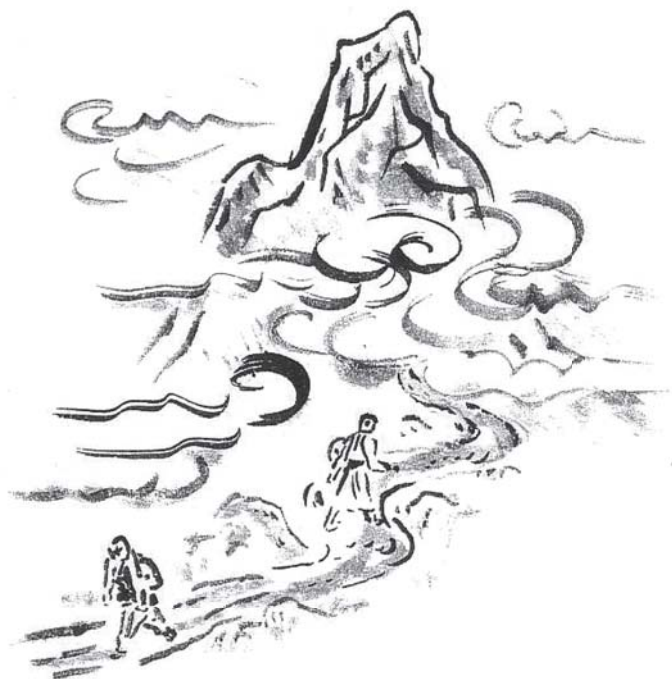
à prática religiosa tanto no hinduísmo quanto no budismo passou a ser disseminada, e isso dificultou uma definição precisa das origens exatas do budismo esotérico. Os textos budistas também são geograficamente imprecisos, e as rotas podem indicar áreas que apresentam uma relação vaga com a paisagem indiana contemporânea. Em todo caso, quando o budismo desapareceu da Índia, o budismo esotérico também desapareceu. Porém, vários séculos antes disso acontecer, o budismo esotérico já havia sido transmitido para a China e o Japão antes de chegar a áreas que compõem o Tibete, a Mongólia e o Butão atuais. Hoje, como praticantes Shinnyo, continuamos a praticar uma tradição esotérica cuja base foi criada na Índia há muito tempo. ✓

— *Continua...*

# Girando a Roda: Contos do Buda

## DOIS VIAJANTES E A MONTANHA DOS SETE TESOUROS

**ESTA** é uma história contada há muito tempo, na qual o Buda Shakyamuni oferecia o último dos seus ensinamentos no bosque de *salas* próximo a Kushinagara.



Em resposta à declaração do Buda de que todos os seres possuem natureza búdica, o Bodhisattva Rugido do Leão levantou muitas perguntas. Uma delas era: “Nobre, se todos têm natureza búdica, por que alguns desistem do treinamento ou desviam do caminho?”

O Nobre contou a história a seguir:



## Antigo norte da Índia e as viagens de Buda



Design by Brechtje Zoet-Viasus [BZdesign]

Certo dia, dois indivíduos receberam o seguinte recado: “Bem longe daqui está o pico conhecido como Montanha dos Sete Tesouros. Quem alcança seu cume encontra pedras preciosas por todos os lados. Se vocês virem uma fonte de água cristalina brotando do chão e com ela matarem sua sede, viverão por um longo tempo sem envelhecer. Porém, a estrada é longa e repleta de perigos. Além disso, a montanha é íngreme e difícil de escalar”.

Os dois ficaram fascinados com a história e decidiram viajar para a lendária montanha. Um deles se preparou muito bem para a viagem, já o outro não deu atenção especial aos riscos e se preparou minimamente.

Então, partiram juntos. Após avançarem por uma certa distância, viram um homem vindo da direção oposta com um fardo de ouro, prata e pedras preciosas. Os viajantes imaginaram que este estranho vinha da Montanha dos Sete Tesouros e imediatamente perguntaram: “O senhor esteve na famosa montanha? Então a lenda é mesmo verdadeira?”

“Mas é claro que é verdade! Acabo de chegar de lá e trago estes tesouros. Também bebi da fonte da juventude, mas estou preocupado com vocês. O caminho até lá é bastante íngreme e traiçoeiro, e gangues de ladrões ficam à espreita na beira da estrada. É preciso atravessar um matagal de arbustos espinhosos, tomar cuidado a cada passo. Ouvei falar que dezenas de milhares tentaram chegar ao cume, mas

menos de uma dezena conseguiu.”

Ao ouvir isso, um dos viajantes - o que mal se preparou - perdeu as esperanças.

“É tão difícil assim? E você diz que poucas pessoas conseguiram chegar ao topo? Posso não ter a vida perfeita, mas certamente consigo sobreviver. Qual o sentido em continuar com a certeza de que a morte me espera? Se vou morrer, qual a vantagem de beber da fonte da longevidade?”

Porém, seu companheiro não desanimou diante das palavras do viajante solitário e disse: “Ele chegou lá e retornou com vida. Se ele conseguiu, eu também posso. Se eu encontrar esse tesouro e beber da fonte da juventude, tudo o que desejo será meu. E se eu falhar? A morte virá algum dia com certeza. Seguirei em frente com determinação”.

Arrependido de sua decisão de ter ido até ali, o primeiro viajante desistiu da jornada e voltou para casa. Enquanto isso, seu companheiro fortaleceu sua resolução de seguir viagem. Mais tarde, chegou à Montanha dos Sete Tesouros. Ele conseguiu metais preciosos e joias, bebeu da fonte da vida e voltou para casa. Com o que obteve, conseguiu dar tranquilidade e conforto para os pais idosos e a família.

Quando seu colega de início de viagem viu isso, se arrependeu de ter retornado e teve vontade de refazer a viagem, pensando consigo: “Meu companheiro conquistou seus objetivos. Não posso ficar aqui sem fazer nada”.

Desta vez, ele se preparou meticulosamente e viajou sem parar. Assim como seu colega, também chegou à Montanha dos Sete Tesouros.

Quando o Nobre Buda terminou de contar a história, seus discípulos queriam saber qual era a lição a ser aprendida, e ele começou a explicar em detalhes:



“Meus discípulos, a Montanha dos Sete Tesouros é uma alegoria ao estado de nirvana. Isto é, quando alguém alcança o nirvana, também alcança a satisfação genuína e o contentamento, como se todos os seus desejos fossem realizados. Os dois viajantes representam duas pessoas em seus estágios iniciais de bodhisattva. Ao saber desse maravilhoso estado de nirvana, o desejo de alcançá-lo aumentou em seus corações e mentes, motivando-os a se prepararem para seu objetivo”.

“O viajante que encontraram no caminho era alguém que já havia alcançado o estado de nirvana ou budeidade. O caminho longo e perigoso representa as dificuldades e o sofrimento

que acompanham o ciclo do nascimento, da morte e do renascimento, conhecido como transmigração”.

“Aquele que retornou após ter avançado meio caminho era o bodhisattva que para no meio do treinamento e retorna, mas o outro que seguiu firme personificou a determinação de um bodhisattva em estágio avançado”.


Mais uma vez, os discípulos perguntaram: “E como esta história está relacionada à natureza búdica e nosso empenho para cultivá-la?”.

O Nobre pacientemente respondeu: “Todos, sem exceção, têm uma natureza búdica, portanto qualquer um pode alcançar a iluminação assim que desperta a consciência sobre a budeidade e treinar adequadamente. Se a pessoa abandona a busca, não se deve dizer que caiu ou desviou do caminho. Apenas chegarão ao objetivo um pouco mais tarde, como o primeiro que desistiu. Mesmo essa pessoa, ao ver que o companheiro havia realmente chegado à montanha e obtido o tesouro, uma vida de paz e felicidade, foi impulsionada a buscar o caminho mais uma vez. Motivado pelo exemplo do amigo, ele encontrou a força necessária para perseverar diante das dificuldades e finalmente alcançar seu objetivo”.

“Apesar de algumas pessoas precisarem de mais tempo que outras, a iluminação está disponível a todos, incondicionalmente. Quero me expressar do modo mais claro possível: não importa quanto carma negativo a pessoa gera, ou se a pessoa violou preceitos, ou mesmo perdeu a fé e não deseja mais alcançar a iluminação. Essa pessoa ainda tem a natureza búdica”. ❏




## NA PRÓXIMA EDIÇÃO DA *ECOS*: JAVA, INDONÉSIA

Desde tempos ancestrais, a ilha de Java, na Indonésia, está localizada na intersecção da rota de tráfego marítimo entre a Índia e a China. Em seu caminho de volta para a China, Faxian, célebre tradutor viajante, fez uma parada nesse lugar, no séc. V d.C. Assim como Vajrabodhi, um dos oito patriarcas do budismo esotérico Shingon, quando viajava para a China da Dinastia Tang, séc. VIII d.C. Essa confluência de tradições resultou em um tesouro sem paralelo dos locais históricos budistas. Prosseguiremos com nossa série sobre a transmissão do budismo explorando Borobudur e outras ruínas budistas na ilha de Java. 



### Ouçá. Descubra. Desperte.

Nesta edição, apresentamos nosso novo mote: “Ouçá. Descubra. Desperte”. Foi inspirado pelas palavras espirituais gravadas pelo Mestre Shinjo, cuja versão completa é: “Ouvir o Darma é uma oportunidade de aproveitar as palavras como convite a descobrir nossa verdadeira natureza e despertar para as verdades interiores”. Os editores e a equipe da *Ecos* esperam que vocês, leitores, continuem a encontrar nestas páginas uma fonte de inspiração para a prática diária, no caminho para a libertação espiritual e o despertar. Através do Darma, podemos todos descobrir e despertar para o nosso potencial pleno. 

Em caso de perguntas ou comentários sobre a *Ecos*, favor entrar em contato pelo endereço [shinnyobr@gmail.com](mailto:shinnyobr@gmail.com). Para acessar a versão original em inglês, visitar o website [oyasono.org](http://oyasono.org), o usuário para acesso é “gassho” e não é necessário senha.

Copyright © by Shinnyo-en

Publicado pelo Departamento Internacional, 1-2-13 Shibasaki-cho, Tachikawa, Tokyo 190-0023, Japão

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida ou traduzida por qualquer meio, eletrônico ou outro, sem permissão por escrito.



Printed on FSC (Forest Stewardship Council) Mixed Sources paper

FSC ([fsc.org](http://fsc.org)) is an independent, non-governmental, non-profit organization established to promote responsible forest management worldwide. Paper from such sources uses wood from certified well-managed forests, company controlled sources, and/or recycled material.